

Discurso do ex-reitor Prof. Dr. Josué Modesto dos Passos Subrinho (gestão 2004-2012) na solenidade de transmissão do cargo de Reitor da Universidade Federal de Sergipe ao Prof. Dr. Angelo Roberto Antonioli, realizada a 23 de novembro de 2012 no Centro de Vivência da Cidade Universitária, em São Cristóvão.

“ O mais feliz dos homens, disse Goethe em certa ocasião, é aquele que consegue ligar o fim de sua vida ao início.”

Devo dizer, caros colegas, estimados estudantes e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Sergipe que me sinto feliz com o encerramento de um ciclo de minha vida, o ciclo da administração universitária, que durou vinte anos, descontadas as participações em conselhos e chefia do departamento de Economia. Feliz porque pude testemunhar dois ciclos de expansão e reestruturação da nossa Universidade, coincidentes com ciclos nacionais, um no início de minha formação universitária a partir de 1974 e se estendendo, grosso modo até 1980, outro já na condição de Reitor da Universidade Federal de Sergipe que se iniciou em 2006, antecedendo o grande ciclo nacional recente do REUNI, cujo processo de consolidação estima-se, se prolongará até pelo menos o ano de 2015.

O primeiro ciclo teve como impulso nacional a chamada reforma universitária de 1968, coincidentemente ano de aprofundamento da crise política nacional que simultaneamente assistiu o fortalecimento das manifestações de massa contra o regime militar e o seu recrudescimento com a adoção do Ato Institucional Número 5, o fechamento do Congresso Nacional e das Assembleias Legislativas Estaduais e a cassação de direitos políticos de centenas de pessoas, além da repressão dirigida às comunidades universitárias, entidades religiosas e sindicais.

O regime político autoritário, entretanto, começava a colher os bônus das reformas institucionais que promoveram um choque de capitalismo, levando a um dos mais profundos e prolongados ciclos de crescimento da economia brasileira, tornando possível a expansão do gasto público. Entre as áreas contempladas estava a rede de ensino superior federal com a criação de novas universidades e a expansão e modernização das existentes.

A Universidade Federal de Sergipe foi fruto relativamente tardio deste impulso desenvolvimentista de estabelecimento e expansão de universidades federais. Criada por decreto do Presidente Castelo Branco, em 1967, estabelecida em 15 de maio de 1968, já no governo do Presidente Costa e Silva, nasceu sob a forte influência do modelo norte-americano de universidade que pautaria as autoridades do Ministério da Educação na chamada reforma universitária, por sua vez contestada por importantes segmentos docentes e estudantis por razões estritamente acadêmicas ou políticas mais amplas, lastreadas na resistência ao autoritarismo do regime político então vigente.

Os primeiros anos da Universidade Federal de Sergipe foram marcados pela ebulição política que encontrava no movimento estudantil um dos principais focos de resistência ao regime militar e nos congêneres internacionais a inspiração de rebeldia e contestação. Construir um espaço acadêmico como ambiente de confrontação de ideias e preservação da liberdade de pensamento foi um desafio imenso para seus primeiros dirigentes, os quais conseguiram evitar a face mais violenta da repressão

oficial, mitigando as medidas mais drásticas exigidas por autoridades extra universitárias.

O planejamento e construção do campus universitário no município de São Cristóvão, para abrigar a maioria das unidades acadêmicas e administrativas da UFS, substituindo as antigas faculdades espalhadas pela cidade de Aracaju, marcou entre nós a vitória do modelo universitário de inspiração norte-americana. Não apenas se construiu um campus universitário em região isolada do centro da cidade, posteriormente denominada Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, com seus prédios homogêneos para administração acadêmica e didática, apagando os símbolos distintivos das tradicionais faculdades, como também incorporaria novidades como os prédios portentosos da Reitoria, Biblioteca Central, Restaurante Universitário e instalações esportivas. Não se deve esquecer que esta cidade peculiar exigia uma infraestrutura complexa representada por vias internas asfaltadas para circulação de automóveis, estacionamentos, redes de água potável, rede de captação e sistema de tratamento de esgoto, sistemas de drenagem, redes de distribuição de energia elétrica e de telefonia, centro de processamento de dados etc. resultando na instituição de uma prefeitura do campus.

Antes mesmo da construção do campus universitário, reformas administrativas e acadêmicas foram efetivadas, extinguindo-se as faculdades, reestruturadas e distribuídas pelas novas unidades -- os centros -- e suas subunidades, os departamentos. O sistema de ensino seriado foi substituído pelo sistema de créditos, os corpos docente, estudantil e administrativo passaram por crescimento significativo. Os docentes eram 217 em 1970, passando para 526 em 1980. No mesmo intervalo os estudantes passaram de 1.200 para 4.925 e os funcionários técnico-administrativos de 386 para 669.

Permitam-me um salto na narrativa de mais de vinte anos para nos concentrarmos no segundo ciclo de expansão. Isto nos permitirá, para comodidade de todos, alguma brevidade, porém com prejuízo para a compreensão das importantes mudanças ocorridas nestas décadas que testemunharam a formação de sindicatos nacionais de docentes e de servidores técnico-administrativos das universidades federais, a crescente democratização da gestão, com intensa participação da comunidade acadêmica na escolha dos seus dirigentes, o espraiamento pelo território nacional de atividades de pesquisa e pós-graduação e, finalmente, o surgimento de críticas acerca do desempenho e das funções das universidades, especialmente das financiadas diretamente pelo poder público.

Um ambicioso plano de expansão da Universidade Federal de Sergipe foi apresentado ao Ministro da Educação, Tarso Genro, em novembro de 2004, por ocasião de nossa posse no cargo de Reitor da Universidade Federal de Sergipe. Esse plano continha o resultado dos debates e reflexões decorrentes da consulta à comunidade acadêmica da UFS por ocasião do processo de eleição de reitor e vice-reitor.

Não nos estenderemos nos resultados das ações inspiradas por esse plano conjugadas com as políticas públicas federais e a interveniência de parceiros locais. Os eventuais interessados poderão consultar os relatórios anuais e o relatório final da gestão do período. Devemos, contudo, apresentar os marcos mais relevantes que, acreditamos, mudaram definitivamente a Universidade Federal de Sergipe.

O primeiro foi a transformação da Universidade Federal de Sergipe numa universidade multi campi. O processo de interiorização começado com a implantação do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana, em 2006, teve prosseguimento com a implantação do Campus de Laranjeiras e, finalmente, com o Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho, em Lagarto.

O segundo foi a instituição do Núcleo Regional de Competência Científica e Tecnológica em Petróleo, Gás e Biocombustíveis, NUPEG, em parceria com a PETROBRAS e Agência Nacional de Petróleo (ANP) pela capacidade potencial de vincular parte das áreas de conhecimento desenvolvidas na UFS em parcerias para a superação dos desafios científicos e tecnológicos que a produção de petróleo, gás e biocombustíveis representam para o Brasil e para Sergipe. A confirmação da existência de reservas de hidrocarbonetos em águas profundas do litoral sergipano reitera este setor como crucial para o futuro desenvolvimento de Sergipe. A Universidade Federal de Sergipe que possuía lacunas em importantes áreas do conhecimento para a formação de pessoal e para o desenvolvimento de pesquisas para essa indústria, implantou simultaneamente cursos de graduação e pós-graduação que maximizarão o potencial científico e tecnológico desse núcleo.

O terceiro foi a implantação do Centro de Educação Superior à Distância (CESAD) para Aberta do Brasil, UAB, fortemente vocacionado para a formação de professores da educação básica, através de cursos de licenciatura oferecidos na modalidade educação semipresencial com a utilização de tecnologias de informação e comunicação. Este centro não apenas permite a inclusão de estudantes que não teriam possibilidades de acesso ao ensino superior convencional como também permite a produção de moderno material didático impactando positivamente, inclusive, a educação superior presencial.

O quarto foi o direcionamento da Universidade para políticas inclusivas, tendo em vista o histórico de insensibilidade quanto às necessidades de segmentos sociais excluídos do acesso ao ensino superior. Além do já citado CESAD, um conjunto de ações foi desenvolvido tendo em vista essa diretriz. Devemos mencionar os esforços para ampliação do número de vagas em cursos de graduação, especialmente nas opções de cursos noturnos, mais adequadas às necessidades dos estudantes trabalhadores, a própria implantação de campi universitários no interior do Estado, potencializando o acesso de estudantes residentes nas cidades interioranas e, finalmente e especificamente, a adoção do Programa de Ações Afirmativas (PAAF) com reserva de 50% das vagas em cada curso para os egressos da escola pública e, dentro desta quota, uma subquota para os auto declarados negros, pardos ou indígenas, com o percentual de 70%. Adicionalmente, reservou-se uma vaga em cada curso aos portadores de deficiências.

O quinto foi a mudança qualitativa permitida pelo grande incremento quantitativo que a Universidade Federal de Sergipe teve no período 2004-2012 em seus corpos docente e discente. Neste período o número de professores efetivos passou de 461 para 1.099. Com a recente autorização para a contratação de 265 professores, o nosso corpo docente passará para 1.364, ou seja, um crescimento de 196% em relação ao ano de 2004. A tendência ao incremento na titulação dos docentes foi acentuada não apenas com a manutenção das políticas de incentivo vigentes desde a década de 1980 como também pela indução de contratação de novos docentes com a maior titulação possível nas diversas áreas do conhecimento. Assim

sendo, o número de docentes com o título de doutor passou de 165, em 2004 para 711 em 2012, ou seja, um crescimento de 331%, elevando no mesmo período a participação dos docentes com o título de doutor de 36% do total para 65%.

Quanto ao corpo discente ultrapassamos 32.000 alunos, em 2012, dos quais 25.456, na graduação presencial e 5.000 na graduação semipresencial, frente aos 10.217 alunos de graduação em 2004. Ou seja, o crescimento nas matrículas de graduação foi de 216%. Mais rápido ainda foi o crescimento na matrícula de alunos na pós-graduação stricto sensu, mestrados e doutorados, passando de 357 para 1.908 no mesmo período, isto é, um crescimento de 434%.

Outro aspecto importante das mudanças quantitativas e qualitativas ocorridas nos últimos oito anos foi a supressão de lacunas na oferta de cursos de graduação. Para a formação de professores da educação básica quase todas as áreas já eram contempladas, sendo a principal crítica a inadequação da oferta em período diurno, por vezes em turno integral, quando os estudantes demandavam período noturno. Praticamente todos os cursos de licenciatura são ofertados no período noturno ou possuem também uma opção de turno noturno. Foram criados cursos novos, na área de artes (Música, Teatro e Dança) Engenharia e Tecnologia (Engenharia Mecânica, Engenharia de Materiais, Engenharia de Petróleo, Engenharia Ambiental, Engenharia de Produção, Engenharia Agrícola, Engenharia de Pesca, Engenharia da Computação, Sistemas de Informação e Geologia), na área da Saúde (Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional) bem como nas Ciências Sociais Aplicadas (Turismo, Secretariado Executivo, Relações Internacionais, Biblioteconomia)

De certa forma mais intensa que essa impressionante mudança na oferta de cursos de graduação foi a mudança na pós-graduação. De uma oferta de apenas 9 cursos, sendo um doutorado e 8 mestrados em 2.004, passamos para 46 cursos, em 2.012, ou seja um crescimento de 411%, dos quais 38 mestrados e 8 doutorados, abrangendo todas as grandes áreas do conhecimento. Este impressionante crescimento da pós-graduação foi permitida, principalmente pelo expressivo crescimento no corpo docente titulado, pela maior disponibilidade de recursos das agências federais de fomento à ciência e tecnologia e, em especial por um funcionamento exemplar da Fundação Estadual de Amparo à Ciência, Tecnologia e Inovação (FAPITEC) e, finalmente, por ações de fomento da própria Universidade Federal de Sergipe.

No ano em curso, 722 estudantes recebem bolsas de estudos de agências de fomento, sendo 574 de mestrado e 148 de doutorado, mais de 400 deles defenderão suas dissertações ou teses, representado em média duas defesas por dia letivo. Ou seja, definitivamente foi incorporada à rotina da UFS a pesquisa como atividade indissociável ao ensino e a extensão, visto que o próprio desenvolvimento da pesquisa qualifica e induz o desenvolvimento de novas ações de extensão, além das tradicionalmente praticadas.

Se ao fim e ao cabo podemos dizer que as universidades estão sempre se transformando, a velocidade da transformação varia. Quando uma geração pode testemunhar as mudanças aparentes da instituição, tomam consciência da inexorável transformação. Como sempre, alguns saúdam a mudança, outros a lamentam. A universidade se caracteriza pelo cultivo de sua herança mantendo formas e rituais tradicionais, relendo e dando novos significados a um passado ao tempo que atende as exigências do tempo presente.

Será que o que fizemos e narramos serve ao futuro? Ou temos que nos resignar, como Samuel Taylor Coleridge que nos diz

“ Mas a paixão cega nossos olhos,
E a luz que a experiência nos dá é a
de uma lanterna na popa, que ilumina
apenas as ondas que deixamos para trás.”

Nossa geração testemunhou muitas mudanças nos aspectos materiais e nos corpos institucionais. Com misto de entusiasmo e nostalgia vê a transformação física e a chegada de novos docentes, técnicos e estudantes. Há ainda muitas mudanças sendo demandadas pela sociedade. Há o desafio da inovação, da excelência acadêmica e da internacionalização. Acreditamos que muito foi feito para colocar nossa instituição em uma trajetória que a torna coadjuvante do processo de desenvolvimento de nossa sociedade. Certamente, muito ainda há por ser feito. As novas gerações certamente farão melhor do que nós mesmos.

Muito obrigado

Josué Modesto dos Passos Subrinho